

## ARTIGO

# DILEMAS DA PROPAGANDA SOCIALISTA EM MANAUS NO ALVORECER DO SÉCULO XX

## DILEMMAS OF THE SOCIALIST PROPAGANDA IN MANAUS AT THE DAWN OF THE TWENTIETH CENTURY

LUÍS BALKAR SÁ PEIXOTO PINHEIRO\*

### RESUMO

Com base na imprensa operária e em matérias veiculadas pela grande imprensa amazonense do período, o artigo aborda os dilemas da propaganda socialista desenvolvida em Manaus nos anos iniciais do século XX, no contexto da criação do *Centro Operário em Manaus*. Impulsionada pela expansão da economia de exportação da borracha a partir de 1880 se desenvolveu um rico trânsito de pessoas e ideias que muito contribuiu para a formação de uma identidade operária e para a criação de associações operárias na cidade. Neste processo, ganharam destaque duas lideranças socialistas – Alfredo Vasconcelos Lins e Manoel Madruga – que, oriundas do Nordeste brasileiro produziram através da imprensa amazonense, forte propaganda dos princípios socialistas e criaram o *Centro Operário em Manaus*, visando tanto a conscientização do operariado local, quanto sua organização em associações sindicais de mobilização e luta.

**PALAVRAS-CHAVE:** História Social do Trabalho; Movimento Operário; Socialismo; Lideranças Operárias.

### ABSTRACT

Based on the workers' press and on articles published by the great Amazonian press of the time, the article addresses the dilemmas of socialist propaganda developed in Manaus in the early years of the twentieth century, in the context of the creation of the Labor Center in Manaus. Driven by the expansion of the rubber export economy from 1880 onwards, a rich transit of people and ideas that greatly contributed to the formation of a workers' identity and the creation of workers' associations in the city, was developed. In this process, two socialist leaders – Alfredo Vasconcelos Lins and Manoel Madruga – who, from the Brazilian Northeast produced a strong propaganda of the socialist principles and created the Workers Center in Manaus, through the Amazonian press, gained prominence,

---

\* Professor titular da Universidade Federal do Amazonas. Doutorado e Pós-doutorado pela PUCSP. Coordenador do Laboratório de História da Imprensa na Amazônia da UFAM. Contato: balkar.ufam@gmail.com / ORCID 0000-0002-4192-8011.

aiming to raise awareness of the local workers, and also aiming for the organization in union associations which took part in mobilization and struggle.

**KEYWORDS:** Social History of Labor; Labor movement; Socialist Propaganda; Worker Leadership

“*Um espectro ronda a Europa*”. Com esta frase, inscrita na abertura do *Manifesto do Partido Comunista*, Marx e Engels anunciavam ao mundo a emergência de um novo programa político que, associado à formação da classe operária e suas primeiras mobilizações políticas e organizacionais, punha em xeque os ditames do mundo burguês capitalista, preconizando sua substituição pelo socialismo, a ser alcançado por meio de um processo revolucionário. Se em meados do século XIX, como alertavam os redatores do *Manifesto*, o comunismo já era “reconhecido como uma força por todas as potências da Europa”, cumpria agora explicitar ao mundo seus “modos de ver, seus fins e suas tendências”. (MARX; ENGELS, s/d., p. 21).

Ainda segundo a análise dos autores, essa força emergente crescia exponencialmente em função dos projetos de luta e conscientização operária, tendo que enfrentar, no entanto, a sistemática reação e oposição dos capitalistas e seus prepostos. Isso fazia com que o processo de emancipação da classe operária fosse extremamente tenso e dinâmico: “Os operários triunfam as vezes; mas é um triunfo efêmero. O verdadeiro resultado de suas lutas não é o êxito imediato, mas a união, cada vez mais ampla dos trabalhadores”. Já ali, Marx e Engels indicavam a importância da organização da classe operária numa escala supralocal e mesmo supranacional, reconhecendo que tal articulação resultava facilitada “pelo crescimento dos meios de comunicação criados pela grande indústria e que permitem o contato entre operários de localidades diferentes”. (Ibid., p. 28).

Se em meados do século XIX as observações de Marx e Engels pareciam estar mais fortemente relacionadas aos deslocamentos internos ao ambiente europeu, décadas depois o fenômeno foi significativamente ampliado, fazendo com que a grande emigração europeia passasse a se direcionar majoritariamente para o continente americano, numa escala jamais vista até então. (KLEIN, 2000, pp. 13-31).

Embora o processo formativo e organizacional da classe operária em solo americano não deva ser atribuído exclusivamente à ação dos emigrados europeus (MARAM, 1979), não se pode, todavia, desconsiderar o peso dessa “emigração política” – como a denominou Jacques Droz (1979, p. 19) –, utilizada aqui em referência ao deslocamento do ideário socialista – sempre plural e conflitivo – que acompanhou parcela dos trabalhadores europeus em suas jornadas além-mar.

Convém não esquecer que os “meios de comunicação criados pela grande indústria”, de que nos falam Marx e Engels, não enquadram apenas as estradas de ferro, o telégrafo, o telefone ou o cabo submarino, mas também a imprensa e, em seu interior, a imprensa operária, que foi um elemento fundamental no processo de estruturação de redes sociais de solidariedade e debate político entre as forças organizativas da classe operária<sup>1</sup>. Assim, foi comum que parte da produção dos jornais operários fosse destinada para envio às redações de outros jornais – tanto no circuito nacional, quanto internacional –, animando um processo de permuta que funcionava com certa regularidade e que gerava um fluxo significativo de

---

<sup>1</sup> Um importante estudo sobre a formação de redes sociais no âmbito do movimento operário amazonense de fins do século XIX e início do XX foi recentemente desenvolvido por Luciano Everton Costa Teles (2018).

informações, experiências e ideias que foram fundamentais para o processo de construção da consciência e da identidade operária. Embora este seja um fenômeno que se encaixe, obviamente, numa escala mundial, um olhar estabelecido a partir das organizações e da imprensa operária amazonense não deixará de indicar o trânsito significativo de militantes e de ideias socialistas que se estabeleceu, num movimento de duplo sentido, entre a capital amazonense e diversas localidades não só do Brasil, como também da Europa e de alguns países da América do Sul.

Uma clara evidência desse trânsito está no fato de que, cinquenta anos depois de anunciado por Marx e Engels, o espectro que rondava a Europa fazia suas incursões em diversas e inusitadas áreas do mundo extra europeu. Partindo da análise da imprensa operária e de matérias veiculadas na chamada “grande imprensa” amazonense, é possível estabelecer que esse foi o caso da Amazônia no último quartel do século XIX, especialmente em suas duas cidades capitais – Belém e Manaus, locais em que, já no início do século XX, o bordão de Marx e Engels, “proletários de todos os países, unidos!”, se fazia ouvir não apenas pela imprensa operária, mas também e principalmente, pelas fábricas, oficinas, ruas e praças.

Para entender o processo formativo do universo operário nas principais cidades da Amazônia é forçoso mencionar que ambas as cidades se viram, num curto espaço de tempo, dinamizadas em função dos ditames expansionistas da produção industrial capitalista que passou a acessar e articular mais pontualmente a região ao mercado internacional, que a ela passou a atribuir um lugar subsidiário na divisão internacional do trabalho que então se desenvolvia.

O processo fora iniciado ainda na primeira metade do século XIX, quando o uso industrial da borracha já havia ficado evidenciado e os entraves tecnológicos tinham, enfim, sido superados. Maior fornecedora daquela matéria prima, a Amazônia viu-se crivada por processos complexos de transformação, impactando tanto a geografia, quanto o meio social e cultural.

Diferente do que podem nos fazer supor os estudos que apresentam a Amazônia daquele período como um imenso seringal, convém argumentar que aquelas transformações não ocorreram apenas no interior das unidades produtivas incrustadas na selva e nos altos rios que formam a bacia do Amazonas. Antes, alcançaram de igual forma as principais cidades da região, estruturando-as como entrepostos comerciais estratégicos para o escoamento da produção em direção aos mercados europeus e norte-americanos. (WEINSTEIN, 1993).

Foram muitas as transformações que alcançaram Belém e Manaus, despontando dentre elas a implementação de projetos urbanísticos inspirados nas reformas implementadas em Paris pelo barão Haussmann (MESQUITA, 2009), ou a incorporação pelas elites regionais de padrões culturais associados à *belle époque* (DAOU, 2000). Contudo, indo para além das dimensões modernizadoras, é importante assinalar que a dinâmica própria do urbanismo manauara impôs também a abertura de milhares de postos de trabalho nos diversos setores da economia urbana, atraindo interesses de trabalhadores nacionais e estrangeiros.

Felizmente, novas abordagens sobre a história de Manaus – cidade sobre a qual recai nosso interesse neste artigo – têm operado um deslocamento do olhar em direção a novos personagens, temas, objetos e

campos historiográficos. Nesta inflexão em direção à novos temas e abordagens, um dos campos de maior destaque tem sido exatamente o da História Social do Trabalho, num esforço coletivo que tem feito emergir, a partir daquele contexto regional e local, *outras histórias* do proletariado brasileiro, numa clara demonstração de que o cruzamento de fronteiras, do qual nos falava Sílvia Petersen (1995), se tornou, nos dias atuais, efetivo e importante.

Em balanço recente, Alexandre Fortes e John French, salientaram com precisão dois aspectos importantes do dinamismo desse campo de estudos no Brasil:

a) A exploração da complexidade da formação da classe, com atenção para a diversidade de culturas e identidades entre os trabalhadores, incluindo etnia, regionalismo, raça; b) A redefinição do campo através de um esforço consciente para incluir aqueles que estão fora do mundo urbano-industrial e, simultaneamente, de um recuo no tempo para incluir a escravidão e outras formas não assalariadas de trabalho. (FORTES; FRENCH, 2013, p. 18)

Olhando para o contexto historiográfico amazonense, é possível perceber que os estudos ligados à História Social do Trabalho tem espelhado essa dupla dimensão, singrando novos caminhos, que vão da escravidão à imprensa operária; do trabalho feminino ao infantil; do trabalho portuário e nas oficinas, às vivências fora da fábrica; das mobilizações e organizações sindicais, às lutas e greves operárias.

Como apontado em trabalho recente, o conjunto desses estudos têm enfatizado que a emergência do processo de formação, organização e participação política da classe operária amazonense ocorreu na última década do século XIX, embora de forma incipiente e esporádica (PINHEIRO; PINHEIRO, 2017). Foi apenas no final da década seguinte,

a primeira do século XX, que esses processos começaram a ganhar maior densidade e indiscutível relevância no interior da capital amazonense, momento em que parecia ser possível até mesmo aquilatar o avanço do processo modernizador pela própria emergência do “problema” operário na cidade, conforme alardearia, em 1911, um de seus periódicos: “A nossa Manaus está experimentando os seus efeitos de civilização. Em Manaus já se faz greve: elas começam com greves de braços cruzados e metamorfoseiam-se em verdadeiras revoltas”.<sup>2</sup>

Seja como for, este ainda é um campo aberto, à espera de novas pesquisas que possam fazer emergir uma compreensão mais segura e menos fragmentária do processo de formação e organização dos trabalhadores amazonenses, já que, quanto mais se recua no tempo, em direção à virada do século XIX para o XX, mas escassos têm se mostrado não apenas os estudos voltados para a História Social do Trabalho, como também os próprios registros documentais necessários à ancoragem de novas perspectivas e abordagens.

Com o intuito colaborativo, este artigo se propõe a iluminar e discutir um desses processos organizacionais da classe operária amazonense em formação, que até hoje passou despercebido pela historiografia regional, em que pese sua relevância. Trata-se da iniciativa de criação do *Centro Operário em Manaus*, proposta formulada na cidade em 1904 e implementada em 1905, por duas lideranças operárias – Alfredo de Vasconcelos Lins e Manoel Madruga – que, oriundas de estados do Nordeste do país, passaram

---

<sup>2</sup> Doc.: **A Tribuna**, nº 1. Manaus, 19 de janeiro de 1911, p. 1.

a animar a organização operária a partir da propaganda socialista e, em especial, dos preceitos de Marx e Engels.

À bem da verdade, o Centro Operário em Manaus não foi a primeira organização operária a surgir na capital amazonense; assim como seus idealizadores também não foram as primeiras lideranças a se projetar naquele cenário. Experiências associativas diversas começaram a aparecer timidamente na cidade na década anterior (1890-1900); década essa que também assistiu ao aparecimento dos primeiros jornais e de um partido operário, assim como os primeiros protestos, mobilizações e greves. PINHEIRO; PINHEIRO, 2017).

Com relação aos processos associativos, propriamente ditos, tudo leva a crer que uma das primeiras, senão a primeira associação de trabalhadores organizada por ofício em Manaus, foi a *União Tipográfica*, fundada em 1892. Foram os tipógrafos também os responsáveis pela publicação de dois, dos três primeiros jornais operários da cidade: *Gutenberg* (1891) e *Operário* (1891-1892).<sup>3</sup> Para além da associação dos gráficos, ainda na última década do século XIX formaram-se

diversas associações de caráter mutualista, que se mostravam especialmente atentas às precárias condições dos sertanejos que desembarcavam na cidade em direção aos seringais ou que ali permaneciam, engrossando a lista de desvalidos e indigentes, como foi o caso da *Sociedade Beneficente Cearense*, fundada em 1897, ou ainda da *Sociedade Fraternidade Cearense*, criada um ano depois. Na maioria das vezes essas sociedades buscavam um alcance social mais amplo, razão pela qual recebiam também designações genéricas, como *Sociedade União Beneficente, de 1897*, ou *Associação Beneficente do Amazonas*, de 1898. (PINHEIRO; PINHEIRO, 2017, pp. 106-107).

---

<sup>3</sup> O primeiro jornal operário a circular em Manaus foi **O Restaurador** (1890), ligado aos caixeiros e de clara inflexão monarquista. Efêmero, não passou do segundo número.



Nos últimos anos do século XIX, apareceriam ainda outras associações estruturadas com base em categorias socioprofissionais, como a *Associação dos Trabalhadores do Comércio*, criada em 31 de julho de 1898, e a *Sociedade Clube União Marítima*, de 1900. Frente à essas primeiras experiências associativas, o Centro Operário em Manaus trazia propostas inovadoras e mesmo bastante ousadas para a época, como a de tentar abrigar entre seus associados, as mulheres. Propunha-se a representar o conjunto da classe operária amazonense, numa articulação que se projetava, já a partir de seu próprio título, como supralocal. Desta forma, definindo-se como um Centro Operário *em* Manaus, já o projetava como articulado a agremiações congêneres formadas ou em formação em outras áreas do país. Mais que isso, seus idealizadores militariam no combate ao pernicioso crivo da nacionalidade, que tanto atrapalharia o processo de organização operária. Com efeito, Sheldon Maram já havia apontado que os conflitos étnicos foram frequentes no Brasil, já que, para ele,

O operariado brasileiro, marginalizado nas profissões subalternas e não qualificadas, não possuíam uma tradição de classe na qual pudessem basear-se. Ressentia-se do sentido de superioridade cultural e até mesmo racial que o imigrante ostentava sobre ele. Por sua vez, os imigrantes militantes ressentiam-se dos brasileiros por estarem prestes a melhorar de vida substituindo-os durante as greves. (MARAM, 1979, p. 30)

Ao investigar o internacionalismo operário numa escala global, Marcel van der Linden (2013, p. 289, 291) o entende como abrangendo diferentes “formas de solidariedade operária que ultrapassam as fronteiras nacionais” e, dentre elas estaria aquela que mais se aplica ao caso aqui estudado, qual seja, aquele que se estrutura como “solidariedade para com os trabalhadores imigrantes dentro do próprio país”. Essa é uma dimensão

importante porque no contexto manauara da virada do século XIX para o XX, a formação de um operariado local se desenvolve em meio à um forte processo migratório, em que a participação de imigrantes estrangeiros – notadamente portugueses, espanhóis e italianos – chegam a alcançar percentuais elevados (20%) no conjunto da população citadina. (CAMPOS, 1988, p. 101).

Para Linden, muitos fatores, predominando entre eles os de ordem econômica, concorriam para que, na prática, essa solidariedade que atravessa as fronteiras da nacionalidade fosse extremamente difícil, em especial nos momentos de maior crise econômica, razão pela qual, sustenta o autor, “as palavras ‘proletário’ e ‘internacionalismo’ não costumavam ser usadas na mesma frase até a Primeira Guerra Mundial” (LINDEN, 2013, p. 289). Desta forma, chama a atenção o fato de que o discurso em prol do internacionalismo da causa operária fosse a base de artigos da propaganda socialista assinada pelas lideranças do Centro Operário em Manaus, como Alfredo Vasconcelos Lins (1905, p. 1), e até mesmo estivesse contemplado em suas primeiras manifestações públicas: “Fundemos, pois, uma associação que nos proteja e nos incite a trabalharmos em comum, unidos, sem distinção de classe nem nacionalidade, porque a nação do proletariado é aquela onde ele ganha a subsistência”. (LINS, 1904a, p. 1)

Isso nos remete para a percepção de que, fosse no âmbito do movimento operário amazonense da virada do século XIX para o XX, ou em outro contexto histórico social, a dinâmica assumida pelo movimento operário em seu processo organizativo sempre foi plural, complexa e crivada de tensões e contradições. É nesse ponto que a perspectiva assumida por Maram perde força e sentido, já que nele a questão das

nacionalidades é posta como um absoluto, a tencionar e fragmentar o universo operário brasileiro, menosprezando sua rica diversidade.

Se deslocarmos o tema dos conflitos internos do campo das nacionalidades para o das correntes ideológicas que animavam as organizações operárias de Norte a Sul do Brasil, não há dúvida de que também encontraremos tensões e conflitos que, em graus diversos, acabavam por criar impasses e problemas para a organização e a luta operária. Mas ali também a solidariedade se fazia presente (BILHÃO, 1999, p. 68), tendo sido comum que vozes ponderadas se levantassem, alertando sobre os perigos do divisionismo e a necessidade de não se abandonar o substrato comum em torno da emancipação dos homens do trabalho. Essa foi, por exemplo, a posição assumida pelo espanhol radicado em Manaus, Joaquim Azpilicueta, num momento em que o quadro associativo da capital amazonense parecia conflagrado:

Sou completamente contrário à luta entre os operários, porque entendo que essa luta é inglória, prejudicial e contraproducente, ante os fins que perseguimos, pois que com discussões de certo gênero, só damos ares aos elementos que devemos combater. Sou completamente solidário com todos os que queiram concorrer à futura transformação social, dentro da evolução, chamem-se socialistas de Estado — grupo a que pertença — coletivistas ou sindicalistas.

Sou completamente solidário com todos os que queiram concorrer à futura transformação social, dentro da evolução, chamem-se socialistas de Estado — grupo a que pertença —, coletivistas ou sindicalistas (AZPILICUETA, 1914, p. 2).

Pelos dados disponíveis, é possível perceber que a proposta para o Centro amazonense fora formulada à partir da experiência do *Centro Protetor*

*dos Operários Pernambucanos*<sup>4</sup>, fundado em 1900, no Recife por operários ligados ao ramo ferroviário, e onde atuou Alfredo Vasconcelos Lins, um alagoano de nascimento, que, no início do século XX se deslocou para a Amazônia, possivelmente atraído pelas perspectivas de empregos e ganhos que a economia de exportação da borracha alardeava, mas também em consonância e continuidade com uma prática política de propaganda das ideias socialistas entre os operários do Norte do país.

Visando elucidar um pouco mais esse trânsito – sempre de duplo sentido – de militantes e ideias socialistas entre o Nordeste e a Amazônia, convém esclarecer que o propagandismo que feito em algumas cidades do Nordeste brasileiro visava trazer, prioritariamente, trabalhadores para atuar nos seringais como extratores da goma elástica. Em que pese a inexistência de quadros estatísticos seguros, convencionou-se aceitar os números apresentados por Celso Furtado (1985, pp. 129-135), para quem essa “transumância amazônica” deslocou para a Amazônia aproximadamente 500.000 mil pessoas, entre as duas últimas décadas do século XIX e as duas primeiras do XX. De qualquer forma, o leque de pessoas atraídas por essa nova fronteira do capital mostrou-se muito mais diversificado, formando um espectro de atores sociais que, grosso modo, tendiam a se estruturar e segmentar em quatro níveis diferenciados, sendo um na cúpula, outro na base e dois intermediários.

---

<sup>4</sup> Fundada em 4 de fevereiro de 1900, a agremiação pernambucana propunha-se a “defender os direitos de seus membros e proporcionar-lhes toda a sorte de auxílios”. Doc.: **A Província**, nº 29. Recife, 8 de fevereiro de 1900, p. 1. O Centro mantinha também sucursais no interior do Estado, como Garanhuns. Doc.: **Jornal do Recife**, nº 9. Recife, 13 de janeiro de 1906, p. 2.

Assim, no topo do espectro, estava o pessoal técnico qualificado para os cargos de gerenciamento e direção das firmas estrangeiras que arrematavam as concessões dos serviços urbanos de água e esgotos, luz elétrica, telefonia, sistema de bondes, carga, descarga e armazenamento portuário e até mesmo o abastecimento de gêneros alimentares no mercado público. Vinham, quase sempre, dos países de origem das empresas concessionárias e, não raro, alcançavam vencimentos superiores aos das mais altas autoridades estatais na cidade.

A cidade também atraiu pequenos e médios empreendedores, tanto nacionais quanto estrangeiros que, de posse de algum capital, buscavam estabelecer seus negócios, quase sempre no setor do varejo. Portugueses e espanhóis fizeram fama no ramo das mercearias, padarias e botequins, assim como os italianos fizeram no setor de ourivesaria. Constituindo o primeiro nível intermediário de nosso espectro, o setor incluía também os que se lançavam a empreendimentos como farmácias e boticas, lojas de fazendas, ferragens e perfumarias, dentre outras.

Num segundo nível intermediário, e de forma mais aventureira, muitos dos deslocados para a capital amazonense, chegando à cidade com poucos recursos, mas possuindo alguma qualificação, buscaram oferecer serviços diversos. Dentre eles estavam alfaiates, costureiras, bordadeiras, barbeiros, sapateiros, músicos, professores particulares, etc. Outros ainda passaram a atuar no comércio informal ambulante, seja vendendo artigos de uso popular corrente, seja vendendo quinquilharias diversas ou guloseimas. Neste caso, mesclavam-se à parcela da população local, que também, de longa data, se lançava a tais expedientes.

Por fim, na base do espectro, estavam os despossuídos, de recursos e meios de produção, razão pela qual obrigavam-se a disputar colocações entre os postos de trabalho de menor qualificação e rendimentos – estivadores, carregadores, operários fabris, trabalhadores das oficinas e das empresas de serviços públicos, e, em que pese sua melhor qualificação, os tipógrafos – num mercado de trabalho que, embora em expansão, parecia não dar conta da massa de desempregados que se acumulavam pelas ruas e esquinas da cidade. Muitos deles, originalmente mobilizados e arregimentados para a extração do látex, abandonavam esta iniciativa tão logo tomavam conhecimento dos perigos da selva, das precárias condições de trabalho e de um sistema patronal opressivo, assemelhado à escravidão. Outros, aproveitando descuidos na vigilância portuária, partiam em debandada quando os *gaiolas* ancoravam no porto de Manaus. Em bem menor número, havia ainda os que, tendo chegado aos seringais, de lá fugiam, não sem enfrentar sérios riscos à sua existência, já que, nas áreas isoladas da floresta, as milícias armadas pelos seringalistas tendiam a ser verdadeiramente tirânicas.

Tal estratificação se mostra importante, porque muitos dos que passaram a atuar no incipiente movimento operário amazonense da virada do século XIX para o XX – então em uma fase mais de mobilização e organização, que de enfrentamento e luta – vinham exatamente dos segmentos intermediários do espectro acima delineado. Grosso modo, eram oriundos do Nordeste, e chegavam à Manaus com alguma experiência anterior nas organizações operárias em seus estados de origem.

Não há muita informação biográfica sobre os personagens desse universo popular e operário, e o mesmo pode se dizer sobre outros registros

documentais. Com efeito, essa é uma situação recorrente, com a qual os historiadores que praticam uma história das “pessoas comuns do povo”, para usar um termo caro a Eric Hobsbawm, estão bastante acostumados, já que cientes de que, nessas tentativas de explorar dimensões desconhecidas do passado, “problemas técnicos” dessa natureza precisarão ser enfrentados, uma vez que “não há um corpo material pronto a seu respeito” (HOBSBAWM, 1998, p. 219).

Rastreando as parcas referências na documentação do período, é possível sustentar, contudo, que Alfredo Vasconcelos Lins atuou como pequeno comerciante em Manaus, sendo ali agente representante de diversas revistas cariocas. Oportunizando o espraiamento da economia gomífera para a fronteira oriental do Estado, Lins deslocou-se para o Território do Acre, ali se estabelecendo como integrante do funcionalismo público e Tenente da Guarda Nacional. No Acre, daria vazão à sua militância política e, em verdadeira ação “polinizadora”, idealizou e organizou ali a implementação, em julho de 1909, de um Centro Operário que chegou a congregar pouco mais de uma centena de membros, muito embora, como o amazonense, de duração efêmera.

Na ocasião, Lins não deixaria de proclamar, por intermédio de seu veio literário, sua crença na união dos trabalhadores e sua inspiração em Marx, como o fez no soneto “Amanhã”:

Travou-se a luta ingente n'um momento  
Tremeu todo o Universo e se abalou,  
Quando um breve presente se elevou  
Aos ares, contra tanto sofrimento.

Karl Marx, tua ideia germinou,  
Se espalhou no mundo como o vento,  
E, do operariado o pensamento

Fundiu-se a protestar, se coligou.

Proletários de todos os países  
Se unirão pela causa da razão.  
– A ideia firmou-se nas raízes.

A mulher junto ao filho, esposo, irmão,  
Também luta por dias mais felizes.  
Pela Aurora da nossa redenção! <sup>5</sup>

Sobre Manoel Madruga, um jovem paraibano chegado à cidade também nos primeiros anos do século XX, há um pouco mais de informação, em especial porque, tendo assumido diversos postos e cargos públicos de importância ao longo de sua vida, Madruga experimentou um inequívoco processo de ascensão profissional e social. Funcionário público federal, atuando como agente fiscal da alfândega de Manaus, em 1907 optou por trilhar a carreira militar, atuando também como instrutor em cursos preparatórios na Guarda Nacional. Como ocorreu com Alfredo Lins, Madruga também foi paulatinamente se afastando da classe operária, em especial quando passou a atuar em cargos de destaque na alfândega de diversos Estados, como Pará, Bahia, Maranhão e São Paulo. Data do período de sua itinerância pelos Estados do Norte do país, a reprodução de uma fotografia sua na imprensa cearense, onde também fez publicar parte de sua rica produção literária.

---

<sup>5</sup> Doc. **O Cruzeiro do Sul**, nº 82. Cruzeiro do Sul, AC, 6 de junho de 1909, pp. 1-2. Doc.: **O Alto Purus**, nº 12. Senna Madureira, AC, 10 de agosto de 1913, p. 3.



IMAGEM 1 Manoel Madruga



Fonte: Revista *A Nota*, nº 89, p. 32. Fortaleza, 24 de dezembro de 1917.

Seja como for, o fato é que, no raiar do século XX, ambos assumiram um papel destacado no processo de discussão dos caminhos e das ações voltadas para a organização política dos trabalhadores amazonenses, fazendo largo uso de uma grande imprensa diária que, em Manaus, ainda não consolidara sua transição em direção ao jornal empresa descrito por Nelson Werneck Sodré (1990) e, talvez por isso, ainda demonstrava alguma capilaridade para a assimilação de conteúdos e debates sobre a condição operária. Por outro lado, o acesso às páginas da grande imprensa trazia a vantagem de atingir um público sensivelmente maior do que aquele acionado pelas folhas operárias que haviam circulado na cidade em fins do século XIX e pelas quais essas discussões caminhavam de forma

mais restrita. É importante ressaltar que a emergência do Centro Operário em Manaus e a ação doutrinária entabulada por Alfredo Lins e Manoel Madruga ocorreram num hiato de publicações de jornais operários na cidade, já que depois das primeiras folhas operárias que foram publicadas na cidade entre os anos de 1890 e 1892, novos jornais de trabalhadores só voltariam a aparecer de 1908 em diante.

Da lavra daquelas duas lideranças operárias emergiram pela imprensa amazonense um punhado de matérias assinadas, em que a condição operária, os desafios e dilemas de sua organização, bem como propostas de mobilização e enfrentamento das questões que lhes eram pertinentes foram discutidos em uma perspectiva doutrinária.

Assim, em meados de 1904, numa sequência de matérias intituladas *“Movimento operário: campanha proletária”*, Alfredo Lins lançou as bases para a organização institucional dos trabalhadores amazonenses, sendo sua a iniciativa da criação do Centro Operário em Manaus. Em longa argumentação, Lins (1904a) descreve o quadro caótico em que se via lançada a classe trabalhadora, oprimida e espoliada tanto pelo patronato quanto pela elite política local. Em seus termos, enquanto “os governos dormem e os grandes se banqueteam, os pequenos sofrem”.

A crítica de Lins dirigia-se principalmente às principais autoridades pública, ao patronato e às suas práticas espoliativas e inescrupulosas. Em Manaus, dizia ele, “tudo se acha em mãos de aventureiros nacionais e estrangeiros... monopolizando o quanto podem”. Pior, nada fazem que possam “estimar o proletariado como seus iguais”, e a mesma ação deletéria é manifesta pelos governos, “que cobrem o povo de selos e impostos, nada lhe oferecendo em troca”. (Idem). O resultado deste processo apenas

serviria à ganância, à ostentação, ao luxo e à dimensão autocrática, daqueles que deveriam valorizar e reconhecer os esforços e sacrifícios da classe operária.

Mas não, os potentados preferem contar, entre uma fumaça de Havana e uma taça de champanhe, o número de amantes – mulheres seduzidas e moças transviadas – as quais empurram enfatiados, para os bordeis, enquanto que os pais e os maridos sucumbem ao desespero da vergonha e eles se banqueteiam nos clubes e elas se revolvem no lodo da prostituição. (Idem).

A denúncia de Lins com relação à exploração das mulheres no contexto do trabalho soava extremamente importante e necessária, em especial pelo fato de que, até aquele momento, essa questão ainda não havia sido levantada pela imprensa e pelas lideranças operárias da capital amazonense. Contudo, fruto de sua época, o discurso de Lins pode ser também compreendido pela chave de uma moral social mobilizada com o intuito de “direcionar a mulher à esfera da vida privada”, como bem indicou Margareth Rago. Para a autora, mesmo entre os militantes operários grassava a ideia de que “o trabalho da mulher fora de casa destruía a família”, e as descrições da fábrica como “‘antro da perdição’, ‘bordel’ ou ‘lupanar’, enquanto a trabalhadora é vista como uma figura totalmente passiva e indefesa”, reforçava essa ideia. (RAGO, 2001, p. 585).

Embora em seu manifesto Lins mencione vagamente termos como *evolução social* e *nivelamento social*, ambos retirados do rico e variado repertório de tradições operárias, seu desejo explícito era a implementação do “verdadeiro socialismo – de igualdade – dos grandes mestres”. Neste sentido, acaba por incorrer no que Cláudio Batalha (1995, p. 14) referiu como “ideologia socialista eclética”, comum no processo de recepção do

ideário marxista no Brasil no início do século XX. Para Lins o socialismo era entendido como o resultado de um longo e rico processo de formulação teórica, iniciado pelas utopias igualitaristas dos séculos XIX e amadurecido pela própria ação política dos trabalhadores no entabular de suas demandas, lutas e instituições. Em longa digressão, Lins sintetizou o processo:

...pelo meado do século XIX, muitos filósofos tentam esclarecer todo o conjunto da natureza, verdadeira base do socialismo. Surge então Augusto Conte, espírito grandioso, e com a sua filosofia positiva, esclarece os pontos mais obscuros da humanidade, e verdadeiro Apóstolo da Verdade, da Razão, da Justiça e do Direito, cheio de abnegação percorre os bairros pobres de Paris, durante quatorze anos seguidos, a instruir, a elevar, a desenvolver o intelecto e o moral do proletariado, preparando para o futuro radiante, de paz, de amor e de trabalho.

Bem aproveitadas foram as lições do mestre, fundou-se a Internacional e travou-se uma luta gigantesca entre o capital e o trabalho, entre a consciência e o autoritarismo. Era ainda incompleta a obra; os resultados não satisfizeram a expectativa; era preciso ainda uma reforma, um aperfeiçoamento, e não faltaram sinceros doutrinadores como Marx, Kropotkin e outros contemporâneos que se encarregaram da tarefa insana, porém brilhante. A pena foi a arma escolhida para o combate, a palavra foi o sopro que ativou a chama, a imprensa foi o campo escolhido para a luta, a tribuna foi a lâmpada que iluminou mundo.

Alargou-se o âmbito da propaganda e jornais, revistas, folhetos e cuidadosas obras científicas e literárias, de fôlego e de talento, choveram de toda parte, surgiram de todos os pontos; fundaram-se centros, associações, bibliotecas e burgos. O proletariado formou a sua sociedade à parte e marchou para civilização, mas uma civilização moderna, inteiramente nova. (LINS, 1904b)

Nessa marcha do proletariado rumo à sua própria emancipação não existiria outro caminho a não ser o da criação de organizações operárias que orientassem a formação e luta dos trabalhadores, como estava ocorrendo em várias partes do Brasil e do mundo: “Não é, pois, possível, que o operariado amazonense permaneça surdo e inativo diante dessa evolução; portanto, firmemos também a nossa associação, mostremos que também

sabemos compreender o sentimento que se agiganta lá fora”. Neste processo organizativo, era importante também que se evitassem ciladas como as do *patriotismo*, para que a fragmentação, tão comum, não surtisse os efeitos deletérios sobre o movimento amazonense. Por isso Lins encerrava seu manifesto propondo à classe operária seguir unida “para sermos fortes, e o seremos um dia, tendo em vista a grande verdade de Karl Marx”. (Idem).

Um olhar pela trajetória de Alfredo Lins, demonstra que ele sempre militou pelo socialismo de inspiração marxista e, em cada solenidade, fazia a exaltação de seu principal teórico. Assim o conheciam seus camaradas de Pernambuco, onde havia atuado tanto no Centro Protetor dos Operários Pernambucanos, quanto em seu órgão de imprensa, *A Aurora Social*. Em viagem de propaganda pelo Nordeste em direção ao Sul do país, Lins foi efusivamente saudado por seus companheiros do Recife:

Esteve nesta cidade, de passagem para o Sul, o Sr. Alfredo Vasconcelos Lins, ativo presidente do Centro Operário de Manaus, e representante ali do Centro Operário desta capital.

Recebido por seus amigos e companheiros, o Sr. Alfredo Lins hospedou-se em casa do Sr. João Ezequiel, onde lhe foi servido um almoço íntimo trocando-se expansivas saudações.

Visitando a sede social, o Sr. Lins demonstrou a maior satisfação, tendo ao despedir-se oferecido ao Sr. Ezequiel uma linda medalha marxista.

As 5 horas realizou-se o seu embarque tendo-se dirigido até a bordo, vários membros do conselho.<sup>6</sup>

Oportunizando a viagem, Lins aportaria em Maceió, sua terra natal, sendo igualmente recepcionado por lideranças locais: “Acha-se na capital o

---

<sup>6</sup> Doc.: **Jornal Pequeno**, nº 159, p. 1. Recife, 18 de julho de 1905. Em muitos desses encontros, foi comum que Lins finalizasse suas falas levantando brindes e saudações à Karl Marx.

Sr. Alfredo Lins, diretor do Centro Operário de Manaus. Uma comissão de operários foi até a residência onde se acha hospedado o digno socialista, fazer-lhe uma modesta manifestação de apreço”.<sup>7</sup> Na capital alagoana, ajudaria a criar outra agremiação operária, o *Círculo Protetor dos Operários*, tornando-se seu primeiro diretor.<sup>8</sup>

Como fruto da intervenção direta de Alfredo Lins, o Centro Operário em Manaus foi formalmente instalado na capital amazonense em 5 de fevereiro de 1905, mas no ano anterior já havia sido realizada uma série de reuniões preparatórias, destinadas à arregimentação de sócios entre os trabalhadores amazonenses e à elaboração dos estatutos, visando definir melhor o perfil, a estrutura administrativa e o programa de ação da nova associação. Numa dessas reuniões, chegou-se a eleger uma “diretoria provisória”, trazendo Alfredo Lins como presidente; Manoel Athanásio Gonçalves, vice-presidente; Eduardo Lourenço Teixeira, primeiro-secretário; Gaspar Ribeiro Júnior, segundo-secretário; Manoel Pacheco, tesoureiro; e Francisco Luiz Bezerra e Manoel Madruga, como vogais.<sup>9</sup> É interessante notar que, do ponto de vista da nacionalidade e da naturalidade, aquela composição traduz, em certo sentido, a própria composição da classe operária amazonense como uma mescla em que atuam estrangeiros – majoritariamente portugueses – e nacionais, fossem locais (amazonenses) ou oriundos de estados do Nordeste ou do Pará. Assim, enquanto Eduardo

---

<sup>7</sup> Doc.: **Gutenberg**, nº 151. Maceió, 21 de julho de 1905, p. 1.

<sup>8</sup> Foi criado em 1º de abril de 1905. Além de Alfredo Lins como diretor, contava ainda com Hilário Martins (vice), Ananias Linhares (1º secretário), Manoel Pacheco (tesoureiro) e Antônio Sampaio (orador). Doc.: **Jornal do Recife**, nº 75. Recife, 2 de abril de 1905.

<sup>9</sup> Doc. **Jornal do Comércio**, nº 228. Manaus, 21 de setembro de 1904, p. 1.

Teixeira e Ribeiro Júnior eram de nacionalidade portuguesa, Lins e Madruga eram originários de estados do Nordeste, sendo os demais naturais do Amazonas.

Chama a atenção o fato de que em suas reuniões, o *Centro* tenha aberto um leque grande de temas para a discussão, indo bem mais além dos relacionados com salário e jornada de trabalho, para alcançar questões sensíveis e problemáticas como alcoolismo entre os trabalhadores ou a emancipação feminina.<sup>10</sup> Este último tema, em especial, parece ter sido caro a Alfredo Lins, tanto por sua insistência de que o processo associativo incluísse também mulheres trabalhadoras, quanto pela recorrência com que fazia em seus discursos referência às figuras femininas e suas demandas: “... filhos do povo, voltaí as vossas vistas para Mathilde Pereira, Maria Mauzoni-Sourque e outras, aprendei nos seus exemplos, a repelir os insultos desses peralvilhos embonecados que nos atiram galanteios insultuosos, nos atropelando no canto das ruas, mirando-nos através das lunetas de aros de ouro, atestado característico de sua pelintrice”.<sup>11</sup>

No mesmo artigo, lembrou ao operariado a necessidade de lutar sempre contra os horrores praticados pelos capitalistas, como o que chamava de “infanticídio protegido”, ou seja, àquele “que se exerce em seus filhos mortos de fome e de frio”, e o assédio às mulheres, traduzido por ele na “sedução de esposas e filhas, que se faz nos gabinetes e escritórios, quando ali vão reclamar os salários” (Idem).

A propaganda pelos jornais parece ter surtido efeito, conseguindo mobilizar um número elevado de pessoas em cada reunião. De acordo com

---

<sup>10</sup> Doc.: **Jornal do Comércio**, n° 303. Manaus, 13 de dezembro de 1904.

<sup>11</sup> Doc.: **Jornal do Comércio**, n° 423. Manaus, 1° de maio de 1905.

os relatos feitos pela imprensa amazonense, a mesma acolhida se deu no ato de instalação do *Centro*, quando o público foi estimado em torno de quinhentas pessoas. É certo que nem todas eram pertencentes às classes trabalhadoras, pois lá estiveram diversas autoridades públicas, profissionais liberais, intelectuais e jornalistas, saudando a chegada da nova agremiação e aplaudindo sua direção. Esta passava a ser novamente capitaneada por Lins, contando com a presença de Manoel Madruga, outro ideólogo da causa operária, agora na condição de seu primeiro secretário.

Infelizmente a documentação disponível não revela o número exato de associados ao Centro Operário, registrando-os sempre em termos genéricos, o que nos impõe limites e prudências. Sabe-se, no entanto, que, congregando algumas “centenas de sócios”, a organização parece ter se mantida ativa, e até mesmo em ascenso, até meados de 1905, o que se pode deduzir pelo posicionamento otimista adotado por um de seus principais animadores: “Abrigados pela nossa bandeira, já vemos um crescido número de adeptos encorajados e decididos a cooperarem com a sua energia e solidariedade, com o seu braço e força de vontade, para o engrandecimento de nossa causa”. (MADRUGA, 1905<sup>a</sup>, p. 1).

No processo de organização do Centro, Madruga foi figura estratégica, assinando diversos artigos de propaganda socialista na imprensa, que em muito contribuíram para arregimentar adeptos para a agremiação e para a causa operária ao longo de 1905. Com efeito, a estreia de Manoel Madruga no jornalismo amazonense ocorreu em março daquele mesmo ano, por ocasião da celebração do aniversário da Comuna de Paris, momento em que o autor, seguindo o ecletismo reinante no universo operário, fez diversas referências a teóricos que assumiam perspectivas



revolucionárias não apenas diferenciadas, mas, em muitos casos, antagônicas: “Hoje que o mudo socialista comemora a proclamação da Comuna na grande e opulenta Paris – proclamação que representa uma vitória para as classes operárias – é justo, e bem justo que nós, discípulos de C. Marx e Kropotkin, venhamos render as homenagens devidas a esses heróis que pagaram com a vida o seu amor para com a humanidade”. (MADRUGA, 1905c, p. 1).

Essa referência a eventos do universo operário europeu, apresentados tanto como informação, quanto como inspiração, foi uma característica constante nos textos doutrinários que os membros daquela associação amazonense faziam circular em boletins e em artigos pela imprensa. Foi exatamente o que fez o vice-presidente do *Centro*, ao defender o processo associativo e a luta pelo socialismo como o único caminho possível para a emancipação dos trabalhadores amazonenses: “O operariado universal encontra-se hoje em festa. Nas grandes capitais como Londres, Berlim, Paris, Bruxelas, Genebra, Roma, Madrid, e Lisboa reina o silêncio nas oficinas; as máquinas estão paradas; não fumegam as chaminés nas fábricas, nem se ouve o ruído do martelo e da bigorna”. (GONÇALVES, 1903, p. 1).

Por outro lado, assim como vimos nos discursos de Alfredo Lins, as posições ecléticas assumida por Madruga denuncia também a falta de informação e o pouco amadurecimento do debate não apenas acerca das correntes teóricas revolucionárias que animavam o movimento operário europeu – em especial do socialismo e do anarquismo –, como também sobre o próprio pensamento de Marx. Neste particular, convém lembrarmos que tal desinformação não se dava apenas em Manaus, mas em

todo o país: “No caso brasileiro, as referências à Marx e à sua obra na imprensa operária de fins do século XIX e início do século XX tem quase sempre um caráter ritual e não demonstra um efetivo conhecimento da teoria marxista”. (BATALHA, 1998, p. 133).

Em seus artigos, Manuel Madrugá deixava clara sua identificação com o socialismo, embora o termo fosse por ele referenciado sempre de forma genérica e pouco precisa. Em “Pelo socialismo”, artigo que fez publicar na imprensa manauara, o termo foi abordado de forma mais elástica, como significando a força teórica motriz por trás da própria trajetória organizativa da classe operária numa escala mundial, o que lhe permitia articular proposições oriundas de vários teóricos, como Louis Blanc, Kropotkin e Karl Marx, a quem chamava de “esse vulto proeminente que fez do socialismo um verdadeiro sacerdócio” (MADRUGA, 1905b, p. 1). Para Madrugá, contra a opressão capitalista só havia uma saída: a luta operária entabulada a partir do processo associativo, sendo essa a razão pela qual seus textos terminavam sempre conclamando os trabalhadores à ação. “Vinde, vinde todos; é no meio das associações que se pode reparar as injustiças, enxugar as lágrimas de nossos irmãos que sofrem, e dar cumprimento à máxima de Louis Blanc: “Cada um trabalhará segundo as suas forças, e será remunerado segundo as suas necessidades”. (Idem).

Assim como Lins, Madrugá também vinha de experiências sindicais em seu Estado de origem – a Paraíba – e demonstrava manter contato com lideranças e organizações operárias do Nordeste. Gostava de citar em seus artigos expoentes da propaganda socialista de seu estado natal, como Nicola

de Belli<sup>12</sup>. Os contatos estabelecidos por Madruga e Lins lastrearam a participação de representantes de entidades operárias de outras regiões (e países!) em eventos do *Centro*. Assim ocorreu com Antônio do Nascimento Luz, vindo do Centro Artístico Operário do Maranhão<sup>13</sup> e com o português Antônio Braga, representando o jornal operário *1º de Janeiro*, editado na cidade do Porto. Por meio de tais encontros, ampliava-se a rede de solidariedade e fortalecia-se a formação doutrinária dos trabalhadores a partir das experiências por eles vivenciadas em diferentes contextos nacionais e internacionais.<sup>14</sup>

Em que pese a grande contribuição que Alfredo Lins e de Manoel Madruga deram ao debate de temas operários na imprensa amazonense, assim como seus empenhos em criar uma organização voltada para a mobilização dos trabalhadores, suas atuações acabaram se mostrando tão efêmeras como a própria entidade por eles criada. Com efeito, após 1906, não foi mais possível perceber na documentação vínculos dessas duas lideranças com a causa operária amazonense<sup>15</sup>. Desencantado, Alfredo Lins retirou-se para o Maranhão, onde continuou, todavia, sua pregação em prol do Socialismo. Já Manoel Madruga, após vincular-se pelo matrimônio a uma família de capitalistas paraibanos e de enveredar pela carreira militar de seu pai e irmãos, desviou-se radicalmente dos temas operários, passando a atuar no ensino militar e a transitar com maior desenvoltura pela literatura e pela

---

<sup>12</sup> Nicola de Belli era natural da região do Tirol, na Itália, e veio acompanhando a família para o Brasil na virada do século XIX para o XX, radicando-se, então, na Paraíba.

<sup>13</sup> Doc.: **Jornal do Comércio**, nº 347. Manaus, 2 de fevereiro de 1905, p. 1.

<sup>14</sup> Doc.: **Jornal do Comércio**, nº 351. Manaus, 7 de fevereiro de 1905, p. 1.

<sup>15</sup> Exceção feita à matéria de Manoel Madruga em homenagem à data do 1º de Maio de 1910.

imprensa a ela dedicada. Madruga ainda se manteve em Manaus até 1913, quando então passou a se destacar como importante autoridade fiscal portuária, transitando por diversas cidades brasileiras, como São Luís, Salvador e São Paulo.

O fracasso do Centro Operário em Manaus se evidenciou no próprio ano de sua fundação, quando Lins passou a enfrentar forte oposição de membros dissidentes da própria diretoria do centro, que o acusavam de autoritário. Fica claro que as ideias lançadas pelos dois idealizadores e principais animadores daquela organização encontravam resistência mesmo entre seus pares, tanto é assim, que um dos problemas levantados pelos integrantes dissidentes da diretoria, foi o apoio dado por Lins à membros da comunidade espanhola para que realizassem uma reunião na sede social do Centro Operário; negando o espaço, por outro lado, para que lá se realizasse um movimento de apoio à Lauro Sodré, líder oligarca paraense, com larga influência no jogo político partidário amazonense. Em nota distribuída à imprensa, os descontentes listavam suas insatisfações:

1º Porque rudes como somos temos ainda algum civismo e jamais nos deixaremos nos influenciar por filosofias que trazem no seu âmago o maior inimigo das classes obreiras: o autoritarismo,

2º Porque não há muitos dias, a mesma direção, contra vontade de quase todos de seu mandato, cedeu de bom grado a sede social para reuniões da colônia espanhola tratar de seus interesses, descreditando a nossa sociedade pela maneira incorreta com o que procederam. E no, entanto, para uma reunião nobre e altruística a direção sai em campo atacando os ilustres membros da comissão organizadora da reunião a Lauro Sodré.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> Doc.: **Jornal do Comércio**, nº 501. Manaus, 30 de julho de 1905, p. 2.

A própria insistência de Lins de que o *Centro* incorporasse em seus quadros as mulheres, parecia encontrar resistência e conflitar com o contexto mais provinciano de uma cidade que, ao longo de toda a República Velha, ainda se escandalizava com a intromissão das mulheres não apenas na política, mas até mesmo no mercado de trabalho, em funções vistas como tradicionalmente masculinas. Organizações operárias criadas na cidade ao final da I Guerra Mundial, e que passariam a ter grande importância na condução do movimento operário amazonense até 1930, sequer aceitavam a participação de mulheres em seus quadros. A própria imprensa operária amazonense, durante esse largo período, pouco ou nada registrou sobre o trabalho feminino ou se posicionou sobre a favor da emancipação feminina. Antes, condenou com veemência o feminismo, como uma doença, uma aberração:

A moderna aspiração da mulher que quer adquirir o chamado direito de voto, em modificar o processo do casamento, aplaudindo o problema do divórcio e bem assim concorrer às funções públicas para cargos puramente masculinos, agora outras pretensões de somenos é o que constitui o feminismo. O eterno e incontestado prestígio da mulher sobre o homem fez que este também se vá, sem reflexão, imbuindo-se de ideias colaborando-lhe nos desejos e concorrendo assim, para a expansão, até certo ponto prejudicial, dessa aberração do século.<sup>17</sup>

Em que pese o pioneirismo e a importância da defesa dos ideais socialistas levado a cabo por Alfredo Vasconcelos Lis e por Manoel Madruga, o contexto operário manauara que começava a se adensar e se estruturar, demonstrou não ter capilaridade suficiente para assimilar as propostas organizacionais encaminhadas pelas duas lideranças, como foi o caso do Centro Operário. Por outro lado, a conjuntura socioeconômica,

---

<sup>17</sup> Doc.: **O Construtor Civil**, nº 1. Manaus, 5 de janeiro de 1920, p. 3.

que ainda era marcada pela alta dos preços da borracha bancava a abertura de novos postos de trabalho e favorecia a assimilação de demandas operárias pontuais por parte do patronato. Este, fortalecido pelo aumento de seu poder econômico, exercia forte pressão e controle sobre os trabalhadores, e também sobre os agentes do aparelho de Estado e sobre instituições da sociedade civil – como a grande imprensa –, que lhes davam sempre o apoio em situações de conflito.

Seja como for, a propaganda socialista que se fez em Manaus em 1904 e 1905, e a criação de uma associação visando organizar e coordenar a luta dos trabalhadores amazonenses, ao fim e ao cabo, serviu para que se pudesse aquilatar com segurança a fragilidade e o caráter incipiente do processo organizativo dos trabalhadores naquele contexto em rápida transformação. Em que pese o nível de compreensão e discussão elevado que certas lideranças tenham demonstrado acerca da condição operária, é preciso reconhecer que as ações idealizadas e dinamizadas a partir de um pequeno núcleo diretor, se dissolviam quase que instantaneamente em uma base operária frágil, despreparada, desmotivada e, majoritariamente, alheia à discussão que se fazia sobre sua própria condição. Um ano depois da implementação do Centro Operário em Manaus, um balanço feito em longo artigo abrigado no primeiro jornal “literário” criado por Manoel Madruga, descreve o quadro desolador da situação operária na cidade:

Sem a menor demonstração de entusiasmo, passou o dia 1º de Maio – data da confraternização universal do operariado. É mesmo de lastimar que, neste poderoso Estado, o maior fator de progresso – o operário – entregue a criminosa inércia, não dê um atestado sequer de sua existência, de seu prestígio. É de lastimar que esse elemento possante – espectro apavorante da burguesia execranda – se deixe dominar e vencer, se torne fraco, podendo ser forte; humilde, submisso,

desprestigiado podendo ser altivo, dominador e, pelo seu incontestável prestígio, impor-se aos potentados, aos autocratas.

Não podemos conceber como a força se torne fraqueza, a altivez degenerar em subserviência.

E, no entanto, é o que estamos vendo. O porquê não procuramos saber, mesmo por não ser nosso intuito apregoar as filosóficas ideias socialistas. De antemão sabemos quão baldado seria esse intuito. Que falem os infatigáveis e inteligentes moços que, anilhando com verdadeiro ardor os interesses da coletividade, denodadamente se bateram pelo engrandecimento do operário em Manaus, fundando o “Centro Operário em Manaus”, que há pouco foi dissolvido. Que falem esses distintos moços, que tão valorosa e improficuamente lutaram por essa causa. (R. JÚNIOR, 1906, p. 1).

Todo esse quadro de adversidades parece sugerir que Lins, Madruga e seus companheiros socialistas atuaram em Manaus fora de tempo. Olhando em retrospecto, fica claro que a capital amazonense teria ainda que aguardar mais uma década até que o movimento operário ali estabelecido alcançasse dimensões mais expressivas, passando a atuar verdadeiramente como força social capaz de impor entraves aos interesses burgueses e a arrancar conquistas salariais e sociais de um patronato que, com a decadência da borracha, perdera em muito seu poder de sedução e cooptação.

Seja como for as ações protagonizadas pelo Centro Operário em Manaus, foram muitas e, em diversos sentidos, inovadoras no contexto amazonense do período. Neste particular, bastaria destacar o propagandismo do ideário socialista, numa perspectiva mais diretamente ligada ao marxismo, com a correlata exaltação do papel de Marx; ou ainda a defesa intransigente de uma autonomia dos trabalhadores no interior do associativismo operário em contraposição ao reformismo que até então se mostrava hegemônico na capital amazonense, ancorando-se, quase sempre, em mutuais interclassistas que muito limitavam as ações dos trabalhadores.

Não se pode esquecer ainda, o pioneirismo na atenção devotada à condição da mulher operária na cidade, fazendo emergir tanto uma denúncia contundente e lúcida do assédio sexual e da violência de gênero no ambiente do trabalho, quanto a defesa insistente de que as mulheres também tomassem parte no processo associativo.

Por todas essas questões, tanto a trajetória do Centro Operário, quanto a de Manuel Madruga e Alfredo Vasconcelos Lins, duas lideranças nordestinas nas paragens amazônicas, não merece o silêncio e o esquecimento ao qual foram, até hoje, relegados. Por seu protagonismo e pelo muito que lutaram e fizeram, merecem ser lembrados e incorporados ao patrimônio dessa rica e, infelizmente pouco estudada, história operária que se desenvolveu no Norte do Brasil.

### **Bibliografia Citada**

AZPILICUETA, J. Impressões. **A Lucta Social**, nº 4. Manaus, 1º de junho de 1914, p.2.

BATALHA, C. A difusão do Marxismo e os socialistas brasileiros na virada do século XIX. In: MORAES, J. Q. (org.). **História do Marxismo no Brasil**. Vol. 1. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

\_\_\_\_\_. O manifesto comunista e sua recepção no Brasil. **Crítica marxista**, São Paulo, Xamã, v. 1, n. 6, 1998.

BILHÃO, I. **Rivalidades e solidariedades no movimento operário: Porto Alegre, 1906-1911**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

CAMPOS, H. **Climatologia Médica do Estado do Amazonas**. Manaus: Associação Comercial do Amazonas/Fundo Editorial, 1988.

DAOU, A. M. **A belle époque amazônica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.



DROZ, J. **História Geral do Socialismo**. Vol. IV. Lisboa: Livros Horizonte, 1979.

FORTES, A.; FRENCH, J. Sobre encanadores e filósofos: Fazendo História do Trabalho no Brasil. In: FORTES, A. et al (Orgs). **Cruzando fronteiras: novos olhares sobre a História do Trabalho**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013, p. 17-28.

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Editora Nacional, 1985, [20ª ed.].

GONÇALVES, M. A. 1º de Maio. **Quo Vadis**, nº 135. Manaus, 1º de maio de 1903.

HOBSBAWM, E. **Sobre História**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

KLEIN, H. Migração internacional na história das Américas. In: FAUSTO, B. (org.). **Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina**. São Paulo: Edusp, 2000, [2ª ed.], p. 13-31.

LINDEN, M. **Trabalhadores do mundo: ensaios para uma história global do trabalho**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

LINS, A. V. Movimento operário: campanha proletária. **Jornal do Comércio**, nº 197. Manaus, 16 de agosto de 1904a.

\_\_\_\_\_. Movimento operário: campanha proletária. **Jornal do Comércio**, nº 208. Manaus, 28 de agosto de 1904b.

\_\_\_\_\_. Saudações ao proletariado internacional. **Jornal do Comércio**, nº 423. Manaus, 1º de maio de 1905.

MADRUGA, M. Operários, Alerta! **Jornal do Comércio**, nº. Manaus, 11 de agosto de 1905a

\_\_\_\_\_. Pelo Socialismo! **Jornal do Comércio**, nº 471. Manaus, 25 de junho de 1905b.

\_\_\_\_\_. Perseverança e coragem. **Jornal do Comércio**, nº 386. Manaus, 19 de março de 1905c.

MARAM, S. L. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro, 1890-1920**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MARX, K.; ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. **Obras escolhidas**, vol. 1. São Paulo: Alfa-Ômega, s/d.

- MESQUITA, O. **La Belle Vitrine**: Manaus entre dois tempos (1890-1900). Manaus: Edua, 2009.
- PETERSEN, S. R. F. As pesquisas regionais e a História Operária brasileira. **Anos 90**, Porto Alegre, n° 3, jun., 1995, p. 129-153, p. 129-153.
- PINHEIRO, L. B. P.; PINHEIRO, M. L. U. **Mundos do trabalho na cidade da borracha**: trabalhadores, lideranças, associações e greves operárias em Manaus (1880 – 1930). Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2017.
- R. JÚNIOR. 1° de Maio. **A Evolução**, n° 1, Manaus, 8 de maio de 1906.
- RAGO, M. Trabalho, feminismo e sexualidade. In: PRIORE, M. D. (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto; Editora Unesp, 2001. [5ª ed.].
- SODRÉ, N. W. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1990.
- TELES, L. E. C. **Construindo redes sociais, projetos de identidade e espaços políticos**: a imprensa operária no Amazonas (1890-1928). Doutorado. PPGH/UFRGS. Porto Alegre, Brasil, 2018.
- WEINSTEIN, B. **A borracha da Amazônia**: expansão e decadência. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993